

A DEFESA DA LINGUAGEM NA ÓTICA DE STEVEN PINKER E A SUA EXTENSÃO PARA O CONTEXTO DISCURSIVO LITERÁRIO

Fábio Pereira do Vale Machado (UEMS)
professorfabioletras@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como pressuposto trazer a contribuição e reflexão sobre os estudos da linguagem e, sobretudo, o fazer linguístico pela contribuição do que Pinker chama em um dos seus livros de “Os craques da Língua”. Na literatura, por exemplo, temos o grande cenário linguístico metafórico, Pinker apresenta como se decodifica a assimilação em nosso cérebro quando somos provocados por sentenças frasais não convencionais, o que por ora na literatura é vastamente recorrente. A desenvoltura do referido trabalho, resgata e elucida o psicólogo e linguista Steven Pinker na perspicua atividade de realizarmos uma leitura técnico-linguística de como um leitor e apreciador dos textos literários, acolhe e compreende os mesmos de tamanha amplitude assimilativa, uma vez que as construções literárias, em grande parte, são relacionadas por fatores agramaticais e principalmente paradoxais, logo, temos por objetivo canalizar como – de acordo com Pinker (2002) – o cérebro se manifesta ao tentar organizar sua atenção para processar atípicas construções oracionais, presentes também na esfera poética, onde também iremos nobilitar as grandes contribuições da linguagem literária na ótica do – naturalizado – escritor e especialista norte-americano Steven Pinker.

Palavras-chave:

Linguagem. Discurso literário. Estudos linguísticos.

1. Introdução

Quando relacionamos linguagem língua e comunicação majoritariamente nos atemos à disposição em dar credibilidade apenas para a eloquência e persuasão do enunciador. É claro que o processo interacionista e discursivo é sempre proposto para quem enuncia e, principalmente, para quem o decodifica, logo, dentro dessa formatação de interação se terá o que chamamos de diálogo.

A comunicação humana é transcendental. Hodiernamente somos provocados pela metamorfose da adaptação linguística, não apenas pelas vastas e prolixas variantes da língua portuguesa, mas também pelo redirecionamento de conceitos arcaicos, que em ora, caem em desuso por não atender a expressividade que se busca e, também, porque com assiduidade recebemos e adaptamos palavras oriundas de outros canais linguísticos,

dando então, ampla direção e crescimento em nosso campo lexical pelo conteúdo linguístico que em nomenclatura científica denominamos como estrangeirismo.

Assimilar expressões dialéticas de qualquer idioma não é uma tarefa tão acessível em se tratando da possibilidade de se analisar os canais linguísticos que edificaram e influenciaram aquela língua. A língua portuguesa, por exemplo, com base estrutural latina e grega, onde *a posteriori*, em solo latino sofreria influências idiomáticas: indígena e africana deu-nos assim, um vernáculo brasileiro, ou talvez, um “português americano”, que nos distanciasse parcialmente da cultura discursiva luso-europeia. Todos esses fatores impulsionaram o que chamamos de evolução e interferência linguística, fazendo com que a base idiomática da língua de território e costumeira relação brasileira, ganhasse holofotes pela rica e ampla capacidade de se construir um singelo tópico frasal, podendo assim nele, conter em suas linhas palavras de distintas bases linguísticas, mas que, pelo contexto frasal, se aplicadas gramaticalmente, nos trazem completa e objetiva decodificação sem qualquer ruído que pudesse interromper a relação dialética, promovendo então, uma interação imperceptível para muitos falantes do vernáculo brasileiro, total assimilação e evolução discursiva utilizando – sem ao menos ser notado – uma diversidade de influências idiomáticas de notória e heterogênea bases linguísticas.

2. Processo linguístico de comunicação e decodificação

Desde as primeiras relações de comunicação verbal, processar o que se ouve não carece apenas de domínio verbo-linguístico, mas sim, de um processo ricamente cultural, sendo assim, entender a base linguístico-idioma pode-se nortear qualquer discussão de defesa estrutural e cultural de todo idioma, atividade realizada com esmero e profícuo trabalho têm sido feita pelo estudioso contemporâneo Steven Pinker, linguista de notável dedicação e promoção dos estudos linguísticos em atividade na esfera mundial.

Aplica-se estudo de linguagem para qualquer habilidade vernaculizada, o que comumente acontece na literatura uma vez que a riqueza verbalizada pelos contextos metafóricos pode redimensionar uma assimilação desconcertante em nosso cérebro, ativando em nós, ouvintes de uma comunicação comum, uma criticidade em grau de estranheza, pois, quando uma frase nos é direcionada de maneira agramatical, nosso sistema de decodifi-

cação mental, sofre pequenos embaraços fazendo com que a nossa perceptibilidade seja confusamente acionada para com exímia agilidade, a mensagem que nos fora dado possa ser compreendida. Podemos então conceituar que uma pessoa fortemente afastada do contexto literário, sinta ainda mais, presunçosos ruídos quando mensagens de cunho metafórico e paradoxal a ele são direcionadas.

Em profunda reflexão linguística encontramos a observação de Weliek:

O lexema complexo *litteratura*, derivado do radical *littera* – letra, caráter alfabético –, significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução e erudição. (WELLEK, 1973, p. 81)

Talvez a estranheza – natural – que recorrentemente se tem quando escutamos uma reflexão de cunho literário é dada desde a sua base pelo lexema complexo apontado por Weliek. Com toda capacidade interacionista, o ser humano se projeta buscando sempre o melhor mecanismo para se conjecturar uma relação comunicativa, logo, quando nos deparamos com estruturas redacionais literárias, essa comunicação é bastante frenada ou interrompida, principalmente se a abordagem for produzida e locucionada pelo gênero poético onde, nessas intercepções, nosso cérebro – de acordo com Pinker (2002) – se comporta de maneira conflituosa, na perspicua necessidade de tentar incessantemente captar a mensagem.

Frequentemente, Pinker trata como nosso cérebro se “comporta” ao receber uma oração ou estrutura frasal atípica do contexto gramatical. Essas estranhezas apontadas pelo referido autor, preanunciam o exercício que a nossa mente cumpre para tentar reordenar o que aparentemente está confuso para então, canalizar o quão antes, a assimilação da mensagem proposta. É claro que quando apontamos esses vieses teóricos, tenta-se de maneira polida, pela ciência linguística, demonstrar como o cérebro reage quando o assunto é interação e comunicação. Temos tido até o prezado instante, a árdua defesa para promover a reflexão de que a contexto com teores literários, podem sim, ainda mais, confundir a objetiva recepção da mensagem de uma mesma que nesses estruturais, são em grande maioria agramaticais pela face poética, ou talvez, paradoxais pela conduta do fazer poético, aplicado pela narratológica do eu lírico, ou também chamado de voz lírica.

O cientista linguístico e professor universitário, Pinker fomenta os caminhos operacionais do nosso cérebro dissertando:

Portanto, a língua funciona da seguinte maneira: o cérebro de cada pessoa possui um léxico de palavras e conceitos que elas representam (dicioná-

rio mental), e um conjunto de regras que combina as palavras para transmitir relações entre conceitos (uma gramática mental). (PINKER, 2002, p. 98)

Quando qualquer comunicação verbal não atinge os referidos campos: dicionário mental; gramática mental, retratados por Pinker, a confusão do processamento informativo cerebral é acionada, e habilmente nosso cérebro velozmente a relacionar conceitos culturais e sociais – instintivamente – para então, o mais rápido possível, trazer o entendimento para aquele que, na função de receptor, partilha a mensagem a ele endereçada.

Ainda que a linguagem seja complexa em qualquer cenário idiomático em todo o mundo, ao abrirmos o dicionário literário, percebemos o quão prolixa é a sua bagagem linguística, até pela incidência de aplicações como o neologismo. Muitas vezes somos obrigados pela recorrente e informativa gramática culta para trazermos – pelo o menos em tentativa – uma forma plausível que almeja projetar um discurso dentro os esquadros normativos, assim, carrega-se a indagação somatória: formalidade promove comunicação? Pinker retrata que recorrentemente somos forçados a abdicar do fator gramatical, pois, a relação comunicativa humana perpassa pela condição expressionista, ou seja, muito mais atingimos dialeticamente uma pessoa pelas abordagens informais do que pela mera posição distante e incomum da aplicação discursiva de caráter culto e metódico.

As análises são infinitas quando o assunto é linguagem. Muitos estudiosos apontam que as extremidades de uma língua não possuem uma tampa para o caldeirão evolutivo de um idioma. Já que não possuímos essa tampa, atentemo-nos para o que cairá quando o então recipiente transbordar, pois, ali teremos em caída, os descartes da língua, porque, se saíram do conjunto, não são mais tão necessários e logo, entendemos que essas fagulhas arcaicas caíram em desuso para a chegada de termos contemporâneos e muitas vezes inovadores, o que caracteriza a evolução de todas as línguas no mundo. Flexível pelas suas análises, Pinker retrata a necessidade de um olhar arqueável quando o assunto é normativo e empregabilidades regimentadas:

Espero tê-lo convencido de duas coisas. Muitas regras prescritivas da gramática não passam de tolices e deveriam ser eliminadas dos manuais de uso. O bom senso diz que as pessoas deveriam ter incentivo e oportunidade para aprender o dialeto que virou padrão em sua sociedade. Quanto a gíria sou super a favor. A quem ache que a gíria pode “corromper” a língua. (Pinker, Steven. 1954 p. 518)

Não vamos e não devemos banalizar uma língua em sua tangente gramatical. O fato é que muitas vezes sentimo-nos aprisionados a uma normativa que apresenta múltiplas inconsistências quando o assunto é comunicação, visto que, concatenado aos fatores interacionistas, quando se trata de diálogos e principalmente, convergência linguística, a gramática serve apenas para nortear um princípio linguístico e não para doutriná-lo de maneira impositiva e dogmática.

Morris elaborou um diagrama sobre o processo semiótico:



MORRIS, Charles. *Writings on the general theory of signs*, p. 417.

Morris defendia curiosidades dos estudos linguísticos que foram elucidadas Aguiar e Silva em 2007:

Com efeito, como escrevemos em uma regra não pode ser observado, não pode ser obedecida uma única vez, não pode ser utilizada de modo contraditório e arbitrário. Compreender uma proposição lê-se nas investigações filosóficas não só o que os sinais significam em função de regras convencionadas que se lhes aplicam, como também o próprio sentido das regras depende de convenções que as regem, devendo ser rejeitado, como hipótese arbitrária, qualquer tipo de "platonismo das regras". Quer dizer, toda a linguagem é um fenômeno institucional e intersubjetivo – independentemente da natureza dos sinais nela existentes – e toda a língua em que a linguagem se consubstancia e particulariza possui um carácter constitutivamente público, representa um saber técnico que só é exercitado e só funciona num espaço histórico-social. (MORRIS, 1978, p. 185)

Não podemos vagamente retirar qualquer credibilidade de uma gramática normativa por mais complexa que ela seja. A proposta dos referidos autores perpassam pela condição normativa atingindo o fator comunicativo, ou seja, dentro dos fatores de interação linguística. Nosso cérebro poderá sim processar estranhezas onde a sua capacidade de reorganização será ativada, contudo, não podemos nos abster de que assim se regulamenta o processo de comunicação, na certeza primária que a função cerebral – muito bem esclarecida por Pinker – traduz, às vezes, com dificuldade, o que as

expressões linguísticas retratam principalmente as de estrutura agramatical, isso não causa categoricamente nenhuma forma de menosprezo à gramática normativa, simplesmente amplifica e dinamiza a nossa apreciação analítica de como uma língua está em constante mudança e sempre estará.

Dada a importância de flexibilidade para a abordagem agramatical, os fatores linguísticos percorrem sozinhos, um caminho de transição e adaptação para com o seu povo, analisando assim, percebe-se que as mutações e correções como hibridismo, textos ambíguos e estruturas metafóricas são grandes violões para o desconserto assimilativo cerebral.

3. *Desfecho discursivo-analítico dentro dos vieses literários*

A defesa e propriedade da abordagem de uma linguagem podem ser conceituadas partindo desses pressupostos e conceitos supracitados, quando temos um diálogo que foge da permissibilidade oracional pautado apenas pelas regras normativas, temos alguns ruídos em nosso cérebro ainda mais intensificado quando o gênero textual contempla estruturas literárias e conduções redacionais com faces conotativas.

Ao sairmos desse padrão comum e organizacional, sentimos um tom conflitante e isso gera uma nova expectativa de reorganização assimilativa, Pinker retrata no trecho: “Os jornalistas dizem que um cachorro morder um homem não é notícia, mas um homem morder um cachorro é notícia”. (2002, p. 95) A linguagem transita na capacidade de conflitos inesperados promoverem reflexão e, principalmente, uma nova condução e perceptibilidade do que se pretende com o diálogo imposto pelos envolvidos no diálogo.

Ainda na ótica de Pinker, defrontamos com a rica sensibilidade do autor em retratar o olhar discursivo:

Quando reservamos um tempo para os paradoxos da língua, descobrimos que cachorros quentes podem ser frios, câmaras escuras podem ser iluminadas, lição de casa pode ser feita na escola, pesadelos podem acontecer à luz do dia... Às vezes somos levados a crer que todos os falantes deveriam ser levados para um manicômio para loucos verbais. (PINKER, 2002, p. 497-9)

Steven Pinker pontua essa relação e promove uma reflexão sobre o olhar contemporâneo que se deve ter sobre os estudos de linguagem. Saindo por essa cortina de fios crescentes, o autor norte-americano nos respalda quando o olhar para a literatura é desprezado quando por vezes não se detém conhecimento sobre os valores da ótica conotativa. Pode-se com exímia

eficácia dizer que a categoria do olhar linguístico está muito mais além do que o significado real da palavra, radicais e afixos. O professor universitário evoca atenção discorrendo:

É válido o esforço de tentar mudar alguns aspectos da maneira como as pessoas se expressam em alguns contextos. O que proponho é inócuo: uma discussão mais séria sobre a linguagem e sobre como as pessoas a usam, substituindo superstições. O mais importante não é subestimarmos a sofisticação da verdadeira causa de qualquer exemplo de uso da linguagem: a mente humana. (PINKER, 2002, p. 517)

Se os esforços são válidos para mudar a percepção do entendimento sobre linguagem, acredita-se também na autenticidade de promover uma janela de diálogo sobre como a defesa da linguagem pode ser convergida entre gramáticos catedráticos e linguistas, em deusas perspectiva de promover flexibilidade e, principalmente credibilidade aos fatores sócios linguistas primando pela massa falante do idioma em questão, atendendo, portanto, originalidade na língua falada, desvelo e zelo para que não haja a corrupção da mesma. Desta forma abrir-se-á um novo caminho para os estudos e compreensão da capacidade interpretativa das produções de textos que contemplem o gênero literário e sua efervescência plural, cultural e linguística.

Em modo concluinte, agrega-se que a perceptibilidade de uma língua e sua evolução, são faces de uma metamorfose que induzem nobres caminhos para a criticidade linguística de maneira flexível. Um olhar transversal para a análise idiomática pode com certeza, lapidar os estudos da língua com o fito de mitigar complexos vieses de estudos que muitas vezes embaraçam os caminhos para a consideração do que pode ou não ser considerada uma característica da quebra de regularidades impostas pelas gramáticas e que, pela sua usualidade, são vistas – em alguns casos – como desnecessárias, logo, almeja-se por este trabalho, em respaldo da obra de Steven Pinker apresentar um novo norteador que nos dê flexibilidade para quebrarmos a estagnação de empregabilidades do nosso idioma que se apresentam de maneira estático-normativa, mas não contribuem parcialmente para a evolução cultural linguística que na contemporaneidade tem-se encontrado o que ofertaria aos leitores e apreciadores da literatura maior decodificação da conotação tão assídua nesses contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WELLEK, René. Literature and its cognates. In: WIENER, Philip P. (Ed.). *Dictionary of the history of ideas*, New York, Scribner's Sons, 1973, vol. IH, I 81.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Como a mente cria a linguagem. Como a mente funciona, p. 98. Hereditariedade discreta e evolução. Dawkins, 1986.

_____. *O instinto da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Como a mente cria a linguagem. Mentalês.

_____. *O instinto da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Como a mente cria a linguagem. Os craques da língua, p. 497-9.

_____. *O instinto da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Como a mente cria a linguagem. Os craques da língua.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*, 8. ed. Coimbra: Almedina, 2007.